

Jazz

13, 14 Novembro 2011

Ciclo "Isto é Jazz?" - Comissário: Pedro Costa

Concerto integrado no Clean Feed Fest

Joe Morris Wildlife Quartet

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Contrabaixo Joe Morris
Saxofone alto Jim Hobbs
Saxofones alto e tenor Petr Cancura
Bateria Luther Gray

Dom 13, Seg 14 de Novembro · 21h30
Pequeno Auditório · Duração: 1h30 · M12

Joe Morris contrabaixista

Considerado um dos mais importantes guitarristas da actualidade, e também um dos mais inovadores e originais nas áreas do jazz e da música improvisada, Joe Morris vem também dando alguma atenção ao contrabaixo. Se não consta, neste instrumento, no rol dos primeiros nomes em que pensamos como os mais marcantes, tem apresentado um trabalho de grande dignidade, hoje já plenamente reconhecido.

Ao contrário de outros poli-instrumentistas, surge em concerto ou em disco ora com a guitarra, ora com o contrabaixo, separando os projectos consoante a utilização de um ou do outro cordofone. No Wildlife Quartet, Morris é contrabaixista. Mas porquê este interesse pelo mais grave espécime da família do violino? As palavras são suas: «Levei anos a estudar o que fazem os contrabaixistas, talvez devido ao facto de muita da minha escrita estar centrada na forma como o contrabaixo funciona na música. Daí que tenha decidido experimentar tocá-lo, e assim que dei início a essa actividade fiquei “agarrado”.»

Desse investimento resultou uma multiplicidade de intervenções como *sideman* a partir do início dos anos 00, que foram desde a formação inicial do Daniel Levin Quartet aos Stone House de Rob Brown, passando pelo Steve Lantner Trio. Foi com o Joe Morris Bass Quartet que arriscou pela primeira vez uma liderança com o contrabaixo, e saiu-se bem. O crítico Troy Collins assinalou na altura do lançamento de *High Definition* (2008) que estávamos nada

menos do que perante uma «mudança de paradigma» na carreira deste singular músico. *Today on Earth*, já com a trupe Wildlife, confirma-o.

Se no jazz o contrabaixo tem funções predominantemente rítmicas, bem distintas do que faz com a guitarra, a abordagem que dele tem Joe Morris evidencia o mesmo pendor melódico que lhe detectamos com a “seis cordas”. Podemos até dizer que se trata de uma marca pessoal. A questão prefere apresentá-la o músico deste modo: «Numas ocasiões a linha melódica pretende ser harmónica ou rítmica, e em outras um cacho de notas funciona como uma melodia, sendo o inverso igualmente verdadeiro. Julgo que tenho uma voz própria, de facto, mas não penso que esteja já completamente definida. Faço o que julgo ser necessário em resposta às situações. A minha música tornou-se tão ampla nas suas direcções que prefiro não a descrever de uma forma limitada.»

Ainda assim, o Joe Morris contrabaixista não é aquele que nos habituámos a ouvir com uma guitarra. Não só pelas diferenças óbvias no plano instrumental, mas porque essas duas facetas se traduzem em atitudes distintas. «Se com a guitarra aventurei-me desde cedo a desenvolver um estilo muito próprio, com o contrabaixo não sinto essa necessidade. Gosto simplesmente de o tocar, sobretudo em situações de grupo, pois o papel que desempenha é mais significativo do que a criação, ou não criação, de um novo espaço.»

Verdade sendo que o nosso ilustre visitante se coloca ao serviço do colectivo, também é certo que o Wildlife Quartet é muito obviamente uma formação coordenada a partir do eixo pro-

porcionado pelo gigante de madeira que traz consigo. Dado o posicionamento do seu líder relativamente ao contrabaixo, mais evidente é o enraizamento da música tocada em formatos estabelecidos – a esse nível, se uma boa parte da produção morrisiana se insere no âmbito daquilo a que se vai chamando *free bop* (um ‘mix’ entre pós-bop e *free jazz*), no caso deste quarteto há uma maior presença das coordenadas que definiram a primeira daquelas tendências históricas do jazz. Tratando-se de quem é, claro que pouco literalmente...

Digamos que a fórmula Wildlife nos remete para o Ornette Coleman da ponte do bop para o *free*, o dos primórdios e de títulos como *Tomorrow is the Question!* e *The Shape of Jazz to Come*. Um Ornette que tivesse privado com os protagonistas do “som West Coast” e ouvido o cançãoeiro folk norte-americano, bem como as transposições do canto dos pássaros por Olivier Messiaen.

A reflexão de Joe Morris vai ao encontro dos pressupostos acima anunciados: «Não sei se há um substracto bop na música do Wildlife Quartet. O que sei é que utilizamos o ritmo e o tempo porque podemos e porque isso é excitante e criativo. A maneira como nos relacionamos com a pulsação varia. Umas vezes estamos em rubato com a dita pulsação e outras estamos em sincronia. Sempre intencionalmente. Não consigo imaginar-me a dispensar os elementos de *groove* ou de *swing*, tendo em conta que o sei fazer. Para mim, é uma das coisas mais maravilhosas que os humanos inventaram e não aproveitá-la seria um desperdício.»

E no entanto, o próprio Morris designa como *free music* (termo aplicado à

música totalmente improvisada, regra geral já sem ligações directas com o jazz) aquilo que realiza, incluindo o caso do Wildlife Quartet. Não é uma contradição, antes um diferente entendimento do que está em causa: «É *free* na medida em que determino livremente os critérios que aplico na música e é *free*, também, no sentido de que sou livre de ir, ou não, ao encontro desses critérios. Não sou fiel a nenhuma tradição linear, nem me importo com isso. Simplesmente, componho para informar as improvisações e para expressar, evocar e estruturar ideias.»

Este receituário favorece a frente de saxofones do projecto Wildlife, constituída por Jim Hobbs e Petr Cancura, dois jovens a quem Morris recorre, separadamente, nos seus muitos agrupamentos. Encontrá-los juntos é algo que só por si suscita as maiores expectativas, tais as doses de inventividade e talento que garantem, cada um a seu jeito... «São capazes de ler os sinais das improvisações muito bem e de criar materiais distintos a partir desses indícios», diz Joe Morris com o orgulho de quem os vem apadrinhando. «Conheço o Jim há mais de 20 anos. Considero-o o mais melódico e expressivo saxofonista alto da actualidade. É tão bom quanto os maiores. O Petr tem todas as características e toda a criatividade necessárias para ser a próxima luminária do saxofone tenor. É incrivelmente aberto a qualquer noção musical que encontra e tem a arte e a capacidade de a aplicar. Ambos dispõem de uma alma incrível.»

Quanto a Luther Gray, um baterista que nasceu com o punk, afirma: «Ele nunca pára de ouvir e de aprender. Está constantemente a evoluir. Tem sólidos

conhecimentos da bateria jazz convencional e todos os seus demais recursos surgem porque, para ele, já estavam à partida interligados. É o fantástico que é porque aprendeu coisas que muitos outros não sabem que existem. Improvisa com variedade e com precisão, é tremendo.»

Esta vinda de Joe Morris culmina a sua especial ligação a Portugal. Já o tivemos entre nós diversas vezes e em algumas dessas ocasiões partilhou o palco com Manuel Mota, outro guitarrista idiossincrático, com o grupo do trompetista Sei Miguel, sobre cujo álbum *Esfíngico*, aliás, escreveu uma elogiosa apreciação no seu website, e ainda com Rafael Toral. Um duo seu com Carlos “Zingaro” está em proposta para os programadores de festivais. Além disso, são já vários os discos publicados pela lisboeta Clean Feed com o seu nome, entre os quais aqueles, magníficos, que gravou com Anthony Braxton (*Four Improvisations*) e Barre Phillips (*Elm City Duets*).

Não podia ser mais entusiástico quanto à realidade que por aqui tem encontrado: «Estou grato por pertencer ao catálogo da Clean Feed – acho mesmo que o meu melhor trabalho está nesta etiqueta que este ano comemora o décimo aniversário. O projecto com “Zingaro” ainda não aconteceu, mas espero que tal se verifique em breve. Sei Miguel e Fala Mariam são ótimos artistas e quero tocar mais com eles. Lisboa tem muitos e bons músicos; creio mesmo que é um dos grandes centros mundiais da arte nos dias de hoje.»

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta,
editor da revista jazz.pt

Joe Morris

contrabaixo

O facto de Joe Morris tocar a guitarra sem referências guitarrísticas, tendo-as sim em saxofonistas como Eric Dolphy e Jimmy Lyons, melhor explica o seu estatuto paralelo como um dos grandes contrabaixistas da actualidade. Para si, os instrumentos pouco importam, e sim o que se faz com eles. E o que com eles faz tem sido apontado como virtuossístico, que não necessariamente no sentido clássico. Desenvolveu técnicas muito pessoais, adaptou as existentes às suas idiossincrasias (caso do *fingerpicking*), domina-as exemplarmente e com elas vem surpreendendo as audiências de todo o mundo, em concerto e em disco – mais de 40 os editados, alguns deles de lançamento português, como o majestático *Improvisations* (Clean Feed), ao lado de Anthony Braxton. Tem tido a companhia de outros músicos ilustres desde a sua estreia musical nos anos 1980: Barre Phillips, David S. Ware, Matthew Shipp, Steve Lantner, Agustí Fernandez, Louie Belogenis, Barry Guy, Herb Robertson, Nate Wooley, Marshall Allen e Taylor Ho Bynum são alguns deles. Já pertence à história, mas está a construir o futuro...

Jim Hobbs

saxofone alto

Quando se fala da novíssima geração americana de saxofonistas alto, é inevitável que surja o nome de Jim Hobbs. Situando-se a si mesmo na linhagem de

Johnny Hodges, tem um registo quente e *bluesy*, bem enraizado no património do jazz, mas permite-se ora ser meditativo e até cerebral, ora abraçar a estética do grito, investindo todo o corpo e toda a alma na execução. À vontade tanto em formato de big band como em pequenos grupos, dirige a Fully Celebrated Orchestra e a Brothers of Heliopolis, o seu próprio quarteto e o Jim Hobbs & The Hobbettes, ainda arranjando tempo para tocar com músicos como Fred Hopkins, Mary Halvorson, Laurence Cook, Timo Shanko, Bill Lowe. Instrumentista de enorme polivalência, colaborou ou colabora igualmente com o projecto de calypso de Mackie Burnette, o colectivo de hip-hop alternativo Prodigal Suns e com o bizarro Death's Head Quartet, do qual faz parte igualmente o vocalista da banda de grindcore Anal Cunt, Seth Putnam.

Petr Cancura

saxofones alto e tenor

Hoje a viver em Nova Iorque, depois de uma longa estadia no Canadá, Petr Cancura é um desalinhado, e tanto assim que a sua participação foi já requisitada por músicos dos mais variados ramos da árvore genealógica do jazz, de Cecil McBee a Joe Maneri, passando por Danilo Perez. Com mestrado feito no prestigiado New England Conservatory, é um *sideman* de primeira escolha, mas também dirige o seu próprio trio e o projecto PeopleMusic, com aclamações por onde passa. O jazz não é para si uma exclusividade, estando igualmente activo nas áreas da folk – também

bandolim, para além dos saxofones – e da chamada *world music*. Com Down Home toca as músicas do Sul profundo dos Estados Unidos, designadamente as do Mississippi e do Kentucky, e integra uma banda de bluegrass que tem a curiosidade de ser maioritariamente brasileira, a NationBeat. São, pois, muitas as tradições que lhe passam pelo sopro – e nem vale a pena tentar identificá-las, tão misturadas estão.

Luther Gray

bateria

Na altura um baterista autodidacta, Luther Gray começou por pertencer a vários grupos punk de Washington DC. Depois, tirou um bacharelato na Universidade de Miami e virou-se para o jazz. A sua destreza rítmica, e mais ainda o gosto pela liberdade das intervenções, chamou a atenção de luminárias como Joe McPhee, Sabir Mateen, Roy Campbell, Rob Brown, Steve Swell, Fred Anderson e Ken Vandermark, que o convidaram ou vão convidando para os seus projectos. Lidera a banda de folk-jazz Lawnmower, na qual também encontramos Jim Hobbs, mas em vez das esperadas canções acústicas o que ouvimos é uma espécie de Sonny Sharrock *on dope*: música calma, mas orgânica, com duas guitarras eléctricas. Sempre discreto, ao serviço do colectivo, o certo é que a sua ausência far-se-ia de imediato sentir, ou não fosse ele um dos melhores bateristas em actividade. Em simultâneo, e por consciência cívica, Gray ensina arte e música a crianças.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de acções, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto

de medidas adicionais, estando prevista uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas acções não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projecto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos *Voluntary Carbon Standard* (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em: www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero



Filament(o)

Ciclo Vinte e sete sentidos
Organização: Granular

Instalação/Performance

Qua 16 Novembro Sala 2 · 18h30

Duração aprox. 50 min · M12



Concepção, composição e difusão Vitor Joaquim
(*laptop*, controladores, acessórios
acústicos) Programação de 'ploter' Diogo Tudela

O nosso dia a dia está cada vez mais poluído por mensagens rápidas e curtas. O que não é intenso e recortado, não se afirma. A sensação de estar, e sobretudo estar sem tempo, está cada vez mais alheada de nós. Vivemos num mundo povoado de informação e ao mesmo tempo em risco de permanente ignorância.

Não nos damos o tempo de parar, respirar e continuar a estar. Sentimo-nos constantemente compelidos a avançar em direcção a algo. Quer essa coisa seja absolutamente vital para nós, ou completamente inútil. As frases curtas dominam, e só elas parecem ser efectivas. São os tempos do *buzzword* e do *sound bite*. Tempos em que a devoção está cada vez mais desligada de cada gesto que fazemos. Tudo é reduzido à noção de tarefa, tudo tem de ser fácil e lógico.

Filament(o) é um grito silencioso contra este massacre e contra as constantes imposições a que somos submetidos. Ainda temos os nossos corações para sabermos o ritmo a que devemos viver, e como devemos viver. Não precisamos de nos atirar contra o limite de nós próprios a cada momento. Temos de devolver o tempo ao tempo. *Filament(o)* é a minha resposta face a esta lógica implacável. Uma resposta que não é linear, que não é curta, nem rápida, nem fácil. Uma resposta que é tudo o contrário, tendo o ouvido e o ouvir como formas de chegar a uma melhor compreensão do mundo e de nós próprios.

Vitor Joaquim

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonella

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Joana João estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
